

Capitalismo e Autogestão Social

José Alves Nunes do Nascimento Júnior

A sociedade moderna tem como modo de produção o sistema capitalista, este sistema divide a sociedade em classes. As principais classes sociais decorrentes deste sistema estão representadas pela burguesia, que se encontra em uma situação de dominante, e o proletariado que é a classe dominada e explorada.

A sociedade burguesa moderna, que brotou das ruínas da sociedade feudal, não aboliu os antagonismos das classes. Estabeleceu novas classes, novas condições de opressão, novas formas de luta no lugar das antigas. Nossa época – a época da burguesia – distingue-se, contudo, por ter simplificado os antagonismos de classe. A sociedade divide-se casa vez mais em dois grandes campos inimigos, em duas classes que se opõem frontalmente: a burguesia e o proletariado (MARX e ENGELS, 1998, p. 09-10).

Em uma sociedade dividida em classes, podemos comprovar historicamente uma luta entres as mesmas, afinal os interesses de uma, contradizem com a da outra. A luta de classes então é característica fundamental da sociedade capitalista. Outra característica fundamental, além do estabelecimento do modo de produção capitalista pela burguesia, é a propriedade privada:

Com o surgimento da propriedade privada, temos a constituição das sociedades de classes e da luta de classes. Por isso já se disse, “a história da sociedade tem sido, até hoje, a história das lutas de classes”. As classes proprietárias monopolizavam os meios de produção e constroem as classes não proprietárias a se submeter a sua dominação. O trabalho deixa de ser fundado na cooperação igualitária e passa a ser comandado pela divisão social do trabalho – a classe proprietária – e outros são dirigidos – a classe produtora (VIANA, 2008, p. 13).

A luta de classes é consequência da exploração de uma classe pela outra. No sistema capitalista o proletariado resiste às imposições estabelecidas pela burguesia. A resistência desta classe está em não aceitar as condições de exploração na qual ela se encontra. Como forma de resistência os trabalhadores utilizam a greve como arma contra a dominação.

A greve como mera paralisação das atividades, expressa uma luta contra o capital, já que compromete a extração demais-valor. A extração de mais-valor é interrompida e por isso essa é a forma mais eficiente de pressão operária sobre o capital. É também por isso que as instituições que dizem representar o trabalhador e, no fundo, representam o capital, já não incentivam o movimento grevista e quando podem evitam e desmobilizam as propostas e tentativas de

greve (VIANA, 2008, p.25).

Quando Viana (2008) fala em “instituições que dizem representar o trabalhador” ele está se referindo a sindicatos e órgãos equivalentes. Estes órgãos são também organizações que representam determinadas classes, chamada de burocracia que utilizam o discurso de apoiar e representar os interesses da classe trabalhadora, quando na verdade é um instrumento de representação capitalista, não possuindo em nenhum aspecto uma atitude que modifique a relação de exploração, sendo assim considerada não revolucionário.

A principal instituição criadora da burocracia enquanto classe é o Estado, sua função real é legitimar e tornar regular a ação exploradora da burguesia. O capitalismo sustenta financeiramente a burocracia estatal com a finalidade dela se posicionar sempre ao seu favor. O Estado assume então o papel de representante da burguesia. Quando os trabalhadores lutam por seus direitos o Estado reprime com todas suas forças estes movimentos de luta. Para isso é usado a polícia, como forma de repreender quaisquer questionamentos contra o sistema capitalista.

Desta forma, a ideologia da conquista do poder estatal pelo proletariado é contra-revolucionária. O Estado não deve ser conquistado, e sim destruído. A manutenção do Estado significa a permanência da dominação e da exploração. A abolição do Estado é condição de possibilidade da emancipação humana (VIANA, 2008, p. 27).

A luta por uma sociedade na qual não exista a divisão social do trabalho faz com que diversos setores se apropriem de análises revolucionárias a fim de deformar seu verdadeiro intuito. Neste sentido temos a análise marxista como ferramenta teórica de análise social que expressa os interesses da classe trabalhadora. Com isso correntes ideológicas se apropriam da análise marxista e a deturpam, este é o caso dos partidos políticos. Partidos políticos são organizações burocráticas que visam a conquista do Estado e buscam legitimar esta luta pelo poder através da ideologia da representação (VIANA, 2003, p. 12).

O vanguardismo, característica destes partidos políticos não é a forma pela qual o proletariado chegará à sua verdadeira emancipação. Historicamente a sociedade tem experiências nas quais este tipo de discurso “contra” revolucionário, não passa de discurso, pois a prática é a mesma de integrantes da classe burguesa.

A revolução e o estabelecimento de uma sociedade auto-gerida não está associada a nenhum tipo de instituição que os leve a este estado, somente a classe

trabalhadora poderá por ela mesma chegar à sua emancipação. A autogestão é obra dos próprios trabalhadores, somente eles, se auto-organizando podem atingir seus anseios de liberdade e igualdade.

A autogestão da sociedade é uma forma de organização na qual só será possível com a união dos trabalhadores de todo o mundo. Por isso é tão famosa e oportuna a frase de Karl Marx “Proletários de todos os países, uni-vos”.

Assim, Marx fez reflexões importantes sobre a futura sociedade comunista. A partir da experiência da Comuna de Paris, primeiro esboço de autogestão social da história, ele e outros pensadores colocaram em termos históricos e concretos a visão da nova sociedade [...] Hoje é possível apresentar um quadro geral, baseando-se nas experiências históricas e idéias derivadas delas, pensar alguns exemplos básicos da futura sociedade autogerida. Isso é ainda mais necessário para ampliar a consciência de que o comunismo nada tem a ver com as experiências na URSS, Leste Europeu, Cuba, China e demais países, que instauraram o capitalismo de Estado sob o nome de socialismo, através de uma contra-revolução burocrática (VIANA, 2008, p. 76-77).

Não é impossível prever como será esta nova forma de sociedade auto-gerida na sua totalidade, o que pode ser feito, são apontamentos teóricos baseados na história da humanidade que indiquem os caminhos a seguir. Sendo assim, o marxismo contribui para este processo, criticando tanto os que apropriam desta perspectiva, como partidos políticos que se dizem socialistas, quanto aos que assumem claramente uma postura a favor do capitalismo.

Referências Bibliográficas

MARX, Karl; FRIEDRICH, Engels. *O manifesto do partido comunista*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

VIANA, Nildo. *Manifesto Autogestionário*. Rio de Janeiro: Achiamé, 2008.

VIANA, Nildo. *O que são partidos políticos*. Goiânia: Edições Germinal, 2003.

**José Alves Nunes do Nascimento
Júnior**

Graduado em História pela Universidade Estadual de Goiás, UnU de Uruaçu em 2012. Professor do Programa Nacional de acesso ao Ensino Técnico e Emprego - PRONATEC / IFG.
E-mail: josealvesjr@outlook.com.